



AMANDA

GORMAN

POEMAS

SEREMOS

CHAMADOS PELO

QUE LEVAMOS

AMANDA
GORMAN

SEREMOS
CHAMADOS
PELO QUE
LEVAMOS

Tradução de Stephanie Borges



Copyright © 2021 by Amanda Gorman
Proibida a venda em Portugal, Angola e Moçambique.

TÍTULO ORIGINAL
Call Us What We Carry

PREPARAÇÃO
Ana Guadalupe

LEITURA SENSÍVEL
Jess Oliveira
Rane Souza
Rogério Galindo

REVISÃO
Laura Torres

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

DESIGN DE CAPA
© Grace Han

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G683s

Gorman, Amanda, 1998-
Seremos chamados pelo que levamos / Amanda Gorman ; tradução Stephanie Borges.
- 1. cd. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
224 p. ; 21 cm.

Tradução de: Call us what we carry
ISBN 978-85-510-1029-7

1. Poesia americana. I. Borges, Stephanie. II. Título.

24-88829

CDD: 811
CDU: 82-1(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para todos nós
que nos ferimos e nos curamos
e escolhemos
seguir em frente*

SUMÁRIO

Réquiem.	11
Que destroço é o homem.	35
Olhos da Terra.	59
Memória.	73
Reparação.	91
Fúria & fé	151
Resolução.	171
Notas	208
Agradecimentos	219

“História e elegia são semelhantes. A palavra ‘história’ vem do grego antigo, ἵστωρην, que significa ‘perguntar’. Alguém que pergunta sobre coisas — sobre suas dimensões, peso, localização, humores, nomes, santidade, cheiro — é um historiador. Mas o ato de perguntar não é despropositado. É ao perguntar sobre algo que você percebe que sobreviveu a tal coisa, e, portanto, deve levá-la consigo, ou transformá-la de modo que se leve sozinha.”

— Anne Carson

QUE DESTROÇO
É O HOMEM

ESSEXI

O *Essex* foi um navio baleeiro atacado por uma baleia cachalote em 1820. Dos vinte tripulantes, só oito sobreviveram, só oito foram resgatados depois de três meses à deriva no mar. A tragédia inspirou

Véja a tragédia, escreva um livro.
Olhe. Só quando estamos nos afogando
entendemos a força e a fúria com que nossos pés
podem chutar. Fomos tolos, preguiçosos, reclamações,
grande mar. Quanto destroços mais temos dentro de nós?
Por todo lado onde nossa vista alcança há corpos destruídos.
Nos disseram para nunca usar “eu” ao escrever, porque elimi-
nar essa voz legítima qualquer argumento. Mas nós percebemos
que nada é tão convincente quanto o “eu”: nossa vida, nosso corpo
e seu pulso, tentando provar que têm razão. Digam se há algo mais
poderoso que o indelével. Aquelles homens passaram meses perdidos
nas ondas, sem ver nenhum rosto que não fosse o dos outros, alvejados
por um mar de queimaduras. Deixe passar o tempo necessário e garotos
vão ficando afiados feito feras, a barba alcança o peito como um cachecol.
O que sobrevive, o que se salva, precisa ser tão selvagem? E deste mar que
saímos, não mais animais, mas mais humanos? Desfigurados. De coração
partido. Sim, mas humanos. & humanos. Em outras palavras, nós nos torna-
mos o que caçamos, conforme inevitavelmente começamos a pensar como
nossas presas. Os caçados alimentavam lamparinas de um mundo trancado
todas as noites, nosso século inteiro iluminado pelo sangue. Quando aquela
baleia assassinou o navio, não houve mais dúvida de que o ódio podia viver
como hospedeiro em uma criatura. Caçar baleias é como ir à guerra, talvez
não voltemos desse naufrágio ilegível. Agora flutuando em pequenos
botes trêmulos, os tripulantes à deriva se afastaram da promessa da
terra, temendo canibais, aquelas fábulas sangrentas do estran-
geiro. Essa decisão tornou seu horror maior do que o
oceano furioso. Nós não fomos muito diferentes.

Ficamos tão destruídos, arrebatados & perdidos
 quanto eles. A perda é indecifrável. É possível
 ser resgatado se não restou nada de você? A-
 gora nós vemos todos eles, depois daqueles
 meses de febre, no fim da tristeza de seus
 pesadelos, a carne rubra dos amigos entre
 os dentes. Eles tinham comido sete
 dos seus companheiros. Nós
 nos tornamos aquilo do que
 fugimos & o que teme-
 mos. Quem pode pa-
 gar tal preço pela
 luz? Talvez
 estejamos
 errados.
 Muitas vezes
 estamos errados.
 Mas nos recusamos
 a acreditar que o único
 jeito de aprender seja através
 da dor e do sofrimento, da chegada
 do desastre. Ao contrário do que dizem
 por aí, não temos facilidade para mentir.
 Até o corpo revela, até nosso sangue corre em
 direção à verdade. Nós nascemos bons, confiantes,
 sem limites, com tudo que
 amamos à nossa disposição,
 mas não vazias, como algo
 Estamos seguindo em frente,
 também a única
 que temos.

Olhe: nossas mãos abertas,
 que está florescendo.
 acolhendo
 vida

Moby Dick, de Herman Melville. Na época, as baleias eram caçadas por sua gordura, usada nas lâmpadas a óleo, entre outras mercadorias.

O que estou te contando está mais para um naufrágio do que para uma história – as peças flutuando, finalmente legíveis.

– Ocean Vuong,

Sobre a terra somos belos por um instante

CHAMADO

Conceda-nos este dia
Ferindo a criação do que somos.

Às vezes mais da metade do nosso corpo
Não nos pertence,

O que somos torna-se receptáculo
para células não humanas.

Para elas nós somos
Um ser-barco.

Essencial.
Um país,

Um continente,
Um planeta.

Um microbioma
Humano são todas essas formas se contorcendo

entre & dentro deste corpo
rascunho da vida em andamento.

Nós não somos eu:

Nós somos nós.

Seremos chamados

pelo que levamos.

OUTRO NÁUTICO

Toda água tem uma memória perfeita e para sempre tenta voltar aonde esteve antes.

– Toni Morrison

Em inglês, o sufixo de substantivo “-ship” nada tem a ver com a embarcação.

Na verdade, está ligado a “qualidade, condição, habilidade, ofício”.

Ele vem do inglês antigo “scieppan”, que significa “moldar, criar, formar, destinar”.

Adicione “-ship” ao final de uma palavra & seu significado muda.

Relation (“relação”)	→	ship	→	“relacionamento”
Leader (“líder”)	→	ship	→	“liderança”
Kin (“parente”)	→	ship	→	“parentesco”
Hard (“duro”)	→	ship	→	“dificuldade”

Acrescente um navio ao fim de um mundo & os nossos
[significados mudam.

Este livro, como um navio, foi feito para ser habitado.

Não seríamos nós os animais, dois a dois,

Com cascos e chifres & melancólicos,
Entrando na arca que é nossa vida?
Nós, os mamíferos marcados para transbordar
Este dia que, latejando, se torna o amanhã.

* * *

Embarcar significa “entrar”, “carregar”, transportar num navio.
Na gíria, “shippar” significa imaginar duas pessoas juntas como
um par, aproximar duas coisas ou duas pessoas, portanto, ao
“shippá-las”, fazemos com que embarquem num sonho de amor
onde antes só havia o vazio. “Ship” é uma forma reduzida de
“relacionamento”.

“Relation” → ship → “relacionamento”

Às vezes a redução não é um apagamento,
Mas uma expansão.
Não é um corte, mas um clímax.
Não é um rompimento, mas um crescimento.

A vida transforma os significados.

Pega um som, uma partícula
& lhe dá um impulso.

Só as palavras podem fazer isto:
Cutucar a gente em direção a algo novo
& assim nos aproximar → ficar juntos.

Talvez nossos relacionamentos sejam nossa estrutura,
Pois a fraternidade é nossa natureza & necessidade.
Somos formados especialmente pelo que imaginamos.

Existe de fato uma unidade
Que não exige um “eles”
Pelos quais nos sintamos ameaçados.
Essa é a própria definição do amor.
Nunca precisamos odiar um ser humano
Para abraçar outro, nunca precisamos sentir medo
Para sentir carinho pelos corações que batem junto com os nossos.

Esse naufrágio sem mar
Que temos buscado
Não é um campo florido
Mas nossos companheiros,
Os litorais mapeados
Apenas pelos outros.
Determinados, atravessando desgraças vinho-escuro,
Chegamos a nós mesmos.

* * *

A esperança é um pássaro delicado
Que enviamos em direção ao mar
Para ver se a terra ainda é um lar.
Queremos sua opinião sincera:
Será?

* * *

Nós, como a água, não esquecemos nada,
Abdicamos de tudo.
As palavras, também como a água,
São uma espécie de limpeza.
Por meio delas nos purificamos
Daquilo que não somos.
Ou seja, é através das palavras
Que nos ancoramos & nos mantemos íntegros.
Deixem-nos despertar & rugir
Como as feras antigas que somos.

NO FUNDO

Nadamos por entre as notícias
Como um navio escoiceando o mar.
Por um ano nossa televisão
Foi um farol, piscando
Só com alertas, nunca com afeto.
Nos sentíamos como criaturas noturnas,
Hibernando para fugir da nossa própria humanidade.
O luto transformou nossos braços em cordas.
Esse tempo todo, o que mais queríamos
Era tudo o que mais amamos.

* * *

As horas vagavam apáticas feito uma bicicleta
Bêbada e sem guidão.

Até.

Que tudo.

Volte ao normal.

Nós repetíamos, um encantamento
Para conjurar o Antes.

* * *

Estamos de luto pelo passado,
Mas não sentimos tanta falta dele.
Veneramos o corriqueiro,
Mas não nos lembramos de fato como era.

Já não sabemos
Que são muitas as maneiras
Como o normal pode
C r e p i t a r

&

Morrer?

* * *

Sim, a nostalgia tem seus propósitos:
Transportar dos espectros,
Os empregos que jamais voltarão,
Os gritos de parturientes das mães,
A mente de nossas crianças trancada para fora das escolas,
Os funerais sem famílias,
Casamentos à espera,
Nascimentos no isolamento.
Que ninguém tenha que
Começar, amar ou partir sozinho outra vez.

* * *

A terra é um truque de mágica
A cada segundo algo belo
Surge no palco e desaparece,
Como se apenas voltasse para casa.
Não temos uma palavra que descreva
O processo de tornar-se um fantasma ou uma memória.
Fazer parte desse lugar
É recordar seu lugar,
A longitude da saudade.

Essa elegia, naturalmente, é insuficiente.
Diga simplesmente.
Seremos chamados pelo que deixamos para trás.

* * *

Não é o que acabou que vai nos assombrar,
Mas o que foi contido,
O que foi deixado de fora & mantido longe.
A mão contraída com força
A cada vento sombrio.
Não podemos compreender todos esses espíritos
Mas não tememos os nossos fantasmas.

Aprendemos com eles.

* * *

Lentamente como o mar,
Encontramos a devoção e a teimosia necessárias para dizer:

Onde pudermos, teremos esperança.

Nós a encontramos em milhões de delicadezas.

Uma imensidão:

A gargalhada de uma criança,
O verão fazendo nossa pele brilhar,
A música borrando uma rua no calor.
Como quando encontramos amigos
E nossa risada pode explodir

Do nada.

Através do buraco aberto com um soco no teto

Podemos ver um retalho do céu.

Nossas feridas também são nossas janelas.

Através delas observamos o mundo.

* * *

Rezamos por um milagre.

O que ganhamos foi um espelho.

Observe como, sem movimentos,

Nós nos juntamos.

O que entendemos? *Nada. Tudo.*

O que estamos fazendo?

Ouvindo.

Foi preciso nos perdermos

Para ver que não precisamos de um reino,

Mas dessa afinidade.

É o pesadelo, nunca

O sonho, que nos desperta com um susto.

FAROL

Homo sum, humani nihil a me alienum puto.

– Terêncio

Nunca nos encontramos
& ainda assim nos perdemos de vista,
Dois faróis trêmulos na névoa.
Não podíamos nos abraçar.

Este ano foi um não ano.
Quando as futuras gerações perguntarem, diremos
Que foi mais ou menos assim:
Vazios, os parquinhos rangiam,
Corpos esticados como talos de aipo,
A marca do calor, feriadados,
Encontros & pessoas enferrujaram
Em nossos crânios amargos.
Os momentos oscilavam, nunca marcados,
Sem rumo, mas não sem enredo. O tempo colapsou
E se tornou uma forma
Que procurávamos, tateando, dormentes
(& diga-nos: o que é uma hora
Senão uma rotação pela qual marcamos nosso luto).
Meses inteiros varridos, depressa mas arrastados

Como um vazio úmido preso no retrovisor.
Nossas almas, solitárias & solenes.

Àquela altura, nosso medo era antigo & exato,
Gasto e rígido como uma roupa passada adiante.
Quando o horror deixou de ser nossa herança?

* * *

O coração compartimentado pelo luto.
A mente, acostumada ao sofrimento.
Ainda assim saímos daquele pálido avião,
Embora tivéssemos a opção de continuar.
A esperança não é porto silencioso, nem refúgio sereno.
É a coisa que ruge e nos puxa para longe
Das praias às quais nos agarramos.

Embora nunca tenhamos nos encontrado,
Sentimos um ao outro o tempo todo,
Calados & sem rumo, acesos
Pela pressa de seguir em frente.
Nenhum ser humano nos é estranho.

BÚSSOLA

Este ano do tamanho de um mar
Revirado de enjoo.
Como uma página, somos legíveis somente
Quando nos abrimos uns para os outros.
Pois o que é um livro
Senão antes de tudo um corpo,
Que espera e deseja —
Que anseia estar inteiro,
Cheio de si. Este livro está cheio
De nós. O passado é um
Déjà vu apaixonado,
Uma cena que já vimos.
Nas formas da história, encontramos nossos rostos,
Reconhecidos, mas não lembrados,
Familiars, porém esquecidos.
Por favor.
Não nos pergunte quem somos.
A parte mais difícil do luto
É dar-lhe um nome.

A dor nos separa,
Como lábios prestes a falar.
Sem linguagem nada pode viver

De fato, muito menos
Ir além de si mesmo.

Perdidos como nos sentimos, não há melhor
Bússola que a compaixão.
Nós nos encontramos não ao ser
Os mais vistos, mas os que mais veem.
Observamos um bebê
Dar seus primeiros passos sozinho na grama morna,
Sem fugir, apenas correndo, como fazem os rios,
Pois essa é sua natureza livre.
Sorrisos, nosso rosto inteiro se ilumina
Com essa simples coisa deslumbrante.
Como é possível não termos mudado?

HEFESTO

Preste atenção.

Uma vez que caímos

Nesta era do erro,

Somos recriados entre destroços.

O que aconteceu com a gente?

Perguntamos. Um questionamento verdadeiro.

Como se fôssemos apenas os afetados,

Destinatários a quem

Um trauma desconcertante foi enviado.

Como se não tivéssemos gritado

A cada inclinação nas nossas proas.

Trabalhamos igualmente

Na queda e na ascensão.

Lembre sempre que

O que nos aconteceu

Atravessou cada um de nós.

Nós nos perguntamos o quanto

Podemos nos aproximar da luz

Antes de fechar os olhos.

Quanto tempo podemos ficar no escuro

Antes de nos tornarmos mais que nossas sombras.

Preste atenção.

A responsabilidade é uma dívida

Que sempre teremos uns com os outros.

* * *

Isso não é uma alegoria.

Recaímos em nós mesmos,

Como uma fruta presa no próprio galho.

Aquela queda seca é o começo

Do que devemos nos tornar.

* * *

Digamos que nossos pés erraram um degrau da escada —

O choque zigzagueando forte em nossas veias —

— Ainda que nossos pés perdoem o chão.

O sangue pulsando afiado em nossas veias

Nos lembrando que somos perecíveis

Mas prevalecemos, vivos e furiosos.

Às vezes

A queda

Só nos faz

Ser um pouco

Mais

Nós mesmos.

TODOS OS DIAS APRENDEMOS

Todos os dias estamos aprendendo

A viver com integridade, não com facilidade.

A nos mover com pressa, nunca com ódio.

A deixar essa dor que está além de nós

Para trás.

Como uma habilidade ou qualquer arte,

Não podemos ter esperança sem praticá-la.

É o ofício mais fundamental que exigimos de nós mesmos.

CORDAME, ou REPARAÇÃO

[Hensleigh Wedgwood, *A Dictionary of English Etymology*, 1859]

Chamem a gente de comida de peixe.

Não somos profetas.

Não somos proventos.

Nosso ano inteiro engolido

Por uma bocarra imensa.

O que mais poderia digerir

Nossos corações, pesados de mágoa,

Tudo & todos em choque

Profundo, como se o mar fis-

gasse seu fôlego, seu tempo.

Como se tentasse conter seu ser inteiro.

Durar era estar juntos,

Mas separados, próximos em nossa distância.

Para fazer parte da vida,

Tivemos que nos afastar dela,

Vivos, mas solitários.

Era a morte pela sobrevivência.

A palavra *reparar* vem
do latim *reparare*, unindo

re & parare, “outra vez” e “preparado”.

Com o tempo, *reparar* ganhou outros significados:

“atenuar os efeitos, corrigir, remediar,
ter a atenção despertada, notar, perceber.”

Lá vai a nossa esperança,
Ininteligível em sua imensidão,
Como uma baleia indo cada vez mais fundo.
& por mais angustiados que estejamos,
Continuamos de pé,
Dourados como a praia,
Apesar de todo augúrio, uma prova
De que os mansos herdarão a terra.

* * *

Chamem a gente de As Irmãs Estranhas
Ardilosas como rios de sangue derramando.
Nossos deuses devem presságios aos homens.

Ou melhor, respostas.

Escondemos um batalhão no corpo
Deste poema, selvagem como um lobo na floresta.

A força e a sobrevivência são coisas diferentes.
O que dura nem sempre é o que escapa
& o que está seco ainda pode resistir.
Observamos os homens repetindo seu amém,
Palavras que se debatem nas mãos deles.

A poesia é sua própria prece,
O mais perto que as palavras chegam do desejo.

Que venha o décimo ano nesta luta,
Não permitiremos mais que as sombras
Habitem livremente dentro de nós.
Sairíamos desta noite
Que despenca sobre nossas cabeças.
Muitas vezes não conseguimos mudar
Sem que alguém em nós morra.

* * *

Chame a gente um êxodo,
Que recebeu dez pragas sobre si,
Pois tudo o que vemos é vermelho.
A linguagem intencional, como um poema,
É separar nossas águas como um corte,
Encontrar o mar também de luto & se abrindo
O suficiente para que o cruzemos.

* * *

Não.
Nós somos a baleia,
Com um coração tão imenso
Que não pode conter o lamento.
Não podemos não ajudar.
Se fosse dada a escolha, não estaríamos
Entre os Escolhidos.
Mas em meio aos Transformados.

A união é uma obra da devoção,
Palavra à qual nos somamos,
Que nos deixa devastados ao ser escrita.

O futuro não foi alcançado.
Está reparado, até
Que seja remediado pela história,
Até que o lar seja mais que a memória,
Até que possamos abraçar apertado
As pessoas que nos são mais queridas.

Que destroço maravilhoso somos.
Espantamos nosso frio
& o retraimento da separação.
Como uma videira que cresce da noite pro dia,
Estamos tristes e ávidos
Sobre este solo mortal
& ainda assim não fomos diminuídos.
Se apenas por este novo dia
Pudermos retomar nossas vidas.

Autora best-seller do *The New York Times*
constrói narrativa poética e intelectual
conduzida pelas consequências desastro-
sas da pandemia de covid

Nesta grandiosa coletânea de poesias, a autora best-seller Amanda Gorman, poeta que se apresentou em 2021 na posse do presidente estadunidense, Joe Biden, transforma um momento aterrador em versos de esperança e cura. *Seremos chamados pelo que levamos* aborda temas como história, linguagem, identidade e apagamento a partir de uma perspectiva íntima e criativa. Fundamentados na dor coletiva de uma pandemia global, estes poemas indicam um momento de ajuste de contas, e Gorman atua tanto como nossa mensageira do passado quanto uma voz para o futuro.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/seremos-chamados-pelo-que-levamos/>